

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
PAULA BARATA DIAS
Coordenação

Fluir Perene

A cultura clássica
em escritores portugueses
contemporâneos



Coimbra • Imprensa da Universidade



MinervaCoimbra

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO
António Resende
[Universidade de Coimbra]

EXECUÇÃO GRÁFICA
G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.
Rua do Progresso, 13 • Palheira – Assafarge
Telef.: 239 802 450 – Fax: 239 802 459

ISBN
972-8704-20-8

DEPÓSITO LEGAL
211155/04

© ABRIL 2004, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

PAULA BARATA DIAS

COORDENAÇÃO

Fluir Perene

A cultura clássica em
escritores portugueses contemporâneos

AUTORES

Fernando Pinto do Amaral

José Carlos Seabra Pereira

Maria Helena da Rocha Pereira

Ana Paula Arnaut

Luísa de Nazaré Ferreira

José Ribeiro Ferreira

Mário Garcia

Isabel Pires de Lima

Fernando Guimarães

Oswaldo Manuel Silvestre

Walter de Medeiros

Maria João Borges

Teresa Cristina Cerdeira da Silva



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2004



MinervaCoimbra

VIDA / VIAGEM NO ROMANCE DE FERNANDO CAMPOS

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
por a alma não ter raízes
de viver de ver somente

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
a ausência de ter um fim
e a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
mais que o sonho de passagem.
O resto é só mar e céu.

Pessoa *Carc.* 166

Há metáforas encanecidas que o tempo, longe de emurcheçar, vai reflo-
rindo. Vida / viagem figura entre as ditosas: e ainda a ninguém ocorreu apo-
sentá-la, tão grudada a sentimos, cada hora, à nossa condição de passageiros.

Andamos todos embarcados, ou embargados, por molhes, cais, restingas
ou parcéis. Ulisses em busca de Penélope, Penélope em busca de um Ulisses,
que mora além, mais além, na ilha perdida, a última Tule, inatingida ou
inatingível. A serração, de permeio, não deixa fitar a luz, a praia serena e

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

amaviosa. Até que, de golpe, a martelada final abre a janela inesperada. A ilha estava ali — e não a víamos.

A viagem de Fernando Campos começa na epígrafe de um romance e foi tomada da *Epopéia de Gilgamex*: «Esta é a casa onde os habitantes moram na escuridão: o pó é o seu alimento e a lama a sua carne.» O eu-narrador alonga os olhos, «a avaliar a distância percorrida», que foi muita, para fechar assim: «Imagino que duas lajes devem ter estado ali, lado a lado, frente ao altar-mor, mas que o céu nem isso consentiu que perdurasse.»

Etiam periere ruinae — «Até se apagaram as ruínas.» Pior que as ruínas de Tróia: as ruínas de um coração. Pantaleão de Aveiro entende que a sua peregrinação, aquela afanosa inquirição da sua identidade por desvairadas terras, por distantes mundos, morria ali, na campa de sua mãe. Que um terramoto — nem ossos, nem memória — varrera para sempre. Tinha valido a pena? ou a errância, ao cabo, ditava apenas a caminhada para a morte? A viagem desenha um movimento e a sua anulação. O frade acaba, psicologicamente, com Luis de Camões e a sua pátria.

A casa do pó é o romance-estrela de Fernando Campos, a imediata sacção de um escritor: doze edições em catorze anos; a tradução, pouco depois, para francês e alemão; a inscrição em todos os compêndios e dicionários da literatura portuguesa; o exemplo, logo imitado, de renovação de um género esquecido. É que este livro, a despeito do fecho amargo e desencantado, mergulha, às mãos ambas, na alacridade do azul mediterrânico; e é um alforge versicolor de paisagens e personagens, as mais excelsas, as mais humildes, as mais bizarras — tudo plasmado no estilo adulto de um prosador aliciante e experiente, de sólida formação clássica e hábitos de reflexão. Com a sensualidade fresca e recalcitrante do seu herói, um frade que, perdido o bioco lusitano, não desdenha a prática dos frades de Boccaccio. Pantaleão, como o romancista, é «um ajuntador de imagens», um «captador de sons», «um olfactador de cheiros e aromas». Que tudo regista, tudo distribui com a perícia táctil do escultor ou do joalheiro. Se o itinerário de Pantaleão desfecha em amargor, o de Fernando Campos avança, desde então, no rumo da vitória.

Mas *Psiché*, o romance seguinte, de percurso intimista e tecido autobiográfico, persegue outra viagem, uma descida aos infernos. A viagem de um comediante, desdenhado por uns, amado por outros, até à decadência final,

às mãos do fado escuro e do cinema triunfante. Nem a assistência desvelada de uma mulher forte poderá travar a foice da Grande Dona. «No espelho do psiché vem pousar uma borboleta. ...Ψυχή, psique, respiro, hálito, palpitação, sopro de vida... Quem morou na lagarta, na crisálida, no insecto de asas coloridas das suas múltiplas caras, facetas, personagens? // A borboleta está pousada no espelho do psiché. Também não tem imagem. De repente, num subtil agitar de asas, atravessa o espelho e desaparece...» A última viagem do comediante. Com a saudade dos que ficam — porque não atravessaram, ainda, aquele espelho. Quando atravessarem, saberão um pouco mais. Ou tudo.

A experiência agradou ao autor. Quer agradasse ou não ao leitor, Fernando Campos reincidiu com *O pesadelo de dEus*. Onde a contenção melancólica de *Psiché* explode em mil astilhas. O novo romance, o mais ambicioso do escritor, é um cosmorama de emoções, um delírio onírico, sincopado, trágico, grotesco, o reino deliberado de todos os excessos. No seu teatrinho de fantoches, Pedro Florentino, um estudante de filosofia, refigura o drama da criação. Podemos imaginar (sem acertar): chama-se Pedro, porque é representante de Deus; chama-se Florentino, porque é o Dante da *Commedia*, não divina, mas humana. Pedro Florentino fabrica dois bonecos, um homem e uma mulher, que, certo dia, de mãos dadas, se evadem do palco e vão iniciar a sua própria viagem. Uma viagem tormentosa, muitas vezes arriscada, muitas vezes sórdida, mas sempre enriquecedora. Com a angústia permanente do criador, que tenta encontrá-los, porque se sente responsável pelas suas criaturas. Como salvá-las? Se o criador morresse, acaso fugiria ao seu pesadelo. Mas quando Pedro Florentino se lança, para acabar, no incêndio da Universidade, as duas criaturas acodem a salvar o seu criador. E desaparecem de novo. Porque as criaturas precisam do criador para terem esperança da sua própria salvação.

Vivemos no reino da fantasmagoria (ou da transfiguração): em casa de Josefina, a ex-hospedeira do estudante, agora abelha-mestra de uma casa de passe, há dois bonecos de barro que andam sempre a cair e a serem repostos na boca-de-cena. Pelo morro de Sísifo, pela escada de Jacob, a viagem ainda não terminou.

Do transcendente brutalizado, por vezes, na poesia do soez e do paradoxo, Fernando Campos regressou, por agora (mas as recaídas são prováveis), às grandes viagens históricas que os seus leitores devoram com prazer (e com

proveito). De 95 é a *Esmeralda partida*, prémio Eça de Queiroz, que teve já cinco edições; e acaba de sair *A sala das perguntas*, que, entre concorrentes de alto bordo, andou em primeiro lugar na lista de *best-sellers*.

Fernando Campos tem a fórmula, tem o magnete — mas nem por isso se compraz na facilidade. Cinco anos e meio (informa o autor) demorou a elaboração de *A esmeralda partida*, uma viagem «dinástica», que se desenvolve entre duas mortes, a de D. João I (1433) e a de D. João II (1495), e cobre cerca de setecentas páginas de texto. Período trágico da história portuguesa, percorrido por grandes figuras, algumas polémicas, como o infante D. Pedro, seu irmão D. Henrique, os temíveis Braganças, e sobretudo o herói máximo do livro, o Príncipe Perfeito. Tempos de coruja e tempos de falcão, que o monarca viveu com um misto inimitável de cruzeza e humanidade. *A Esmeralda partida* é um romance, mas pode ser lido, em boa parte, como transposição fiel das crónicas do tempo e das investigações dos melhores especialistas dessa época. Fernando Campos, como é seu timbre, não se furtou a canseiras: o drama pode ser opressivo como um tregenda de feitiços, mas é escandido pela arte sapiente de um narrador que domina, sem arcaísmos desnecessários nem anacronismos de mau gosto, matizada e florescente linguagem portuguesa do século XV. *Acqua Tofana* foi título pensado e arredado por anacrónico — embora explicitasse o tema básico do nosso romance: a hora das trevas, a peçonha frustrante de um grande sonho. O gume da Fortuna cega que trunca a viagem e veda o acesso ao porto de salvamento.

E chegamos à *A sala das perguntas*, que é o lugar de interrogatório da Inquisição, e de questões sobre questões de moral, de religião, de humanidade, destinadas a ficar sem resposta. Embora algum mistério envolva, de princípio, os laços de família de Damião de Góis, a procura de uma identidade não é fulcral, como em *A casa do pó*. O jovem conhece, desde a partida para a Flandres, o segredo do seu nascimento; mas só tarde compreenderá que criou inimigos, muitos inimigos conluiados na sua perdição. O viajante, no entanto, tem fome e sede de viver os grandes problemas do seu tempo e deseja relacionar-se com aqueles que o podem ajudar a resolvê-los — homens de governo, homens de cultura, homens de religião. Por isso frequenta os reis e os poderosos, senta-se à mesa de Lutero e Melâncton, aceita com alvoroço hospitalidade de Erasmo. Um dos encantos maiores do romance é esta circulação permanente do humanista através

dos países do Norte e do Centro da Europa: às paisagens luminosas e grulhentas de *A casa do pó*, em Itália, na Grécia, na Palestina, opõem-se aqui as cidades esguias, nubladas, húmidas da Flandres e da Escandinávia, os lagos alpestres da Suíça, as florestas densas e tempestuosas da Polónia e da Alemanha, civilizações diferentes e homens diversos, unidos embora pelos cursos afluentes do Renascimento. Damião não é insensível às graças femininas, mas contorna, prudente, os riscos do *morbus Gallicus* e reserva o seu amor verdadeiro para a nórdica Joana, que a peste lhe vai arrebatara em Lisboa. O regresso a Lisboa marca o termo da sua prosperidade: a *Crónica de el-rei Dom Manuel* atira e multiplica os seus inimigos; e uma denúncia pertinaz acaba por lançá-lo nos cárceres da Inquisição. De onde sairá, enfermo no corpo, enfermo na alma, para a reclusão no mosteiro da Batalha; e, depois (mercê de D. Sebastião), para a sua casa de Alenquer. Escrevia, à lareira, as memórias da sua vida, quando uma martelada brutal, pelas costas, lhe abre, no crânio, uma janela — para a eternidade. Onde todas as perguntas têm resposta. Onde a viagem cessa: na contemplação. Tantas jornadas pelo mundo fora, e a última luz que viu foi aquela. A luz de uma lareira. Da sua lareira. Antes da casa do pó, que a todos iguala e fraterniza.

A viagem de Damião terminou. A de Fernando Campos é feita para continuar. A ilha perdida, a última Tule, espreita ainda, lá longe, remota embora, no horizonte da nossa esperança.

A Ponte dos Suspiros (apresentação)

Um farrapo de azul fala da liberdade. E as gaivotas, as pombas que afluam entre as grades trazem o cheiro acre da maresia, o canto dos largos céus, a voz das sereias que levam ao jardim das Hespérides: e mais longe, mais longe ainda, onde a areia, de seda, é como o regaço materno que cede sob as penas de cada dia.

O prisioneiro está ali, a poucos metros da água, a poucos metros da praça. Mas não vê a íris da laguna, não vê a glória de São Marcos: vê aquele farrapo de azul, vê aquelas gaivotas, aquelas pombas que bicam as migalhas do seu repasto miserando. Passou a ponte dos Suspiros: e foi como se passasse a outro mundo, onde a esperança é pequenina, tremeluzente, candeia que se apaga quando a noite afoga a lóbrega enxovia.

Aquele homem é rei, ou cuida sê-lo, um rei sem trono nem coroa nem ceptro nem manto de púrpura, acaso um visionário, um impostor, um louco — como lhe chamam descrentes e inimigos. Ou um fantasma exangue que não pesa sequer na barca de Caronte. Não assistiu ele à quebra dos escudos? não ouviu ele o sermão das próprias exéquias? não viu ele, com os seus olhos, o alçamento do novo rei, um velho cardeal maninho como o chão salgado?

Ou será antes o rei da névoa, o Encoberto, o rei daquele reino de tintas indistintas, a morte-cor na tela, onde passam os colos flexuosos de garças e flamingos, o rei daquele sonho fátuo que abre para o nada, o rubor sempre adiado de uma nova aurora?

«O dia em que nasci moura e pereça...» — não, não, que já Camões o dissera. «O dia da minha morte foi o do meu nascimento.» — assim é que era. Por isso estava ali, na ponte dos Suspiros: e suspirava de ver aquele farrapo de azul, aquela asa de gaivota, as pombas que se coavam e dispartiam na flecha do último poente.

Até que, à força de penar, a sua pena tomou corpo, e se lembraram de que esse corpo tinha existido outrora (onde? quando?), e tinha ossos, pele, braços e pernas, sexo, e vestia e calçava, sofria de poluções e de dor de dentes, nem lhe faltavam sardas e verrugas, quase um sexto dedo, o beijo cadente dos Áustrias. O Papa acreditou, mandou um breve a Filipe a intimar a restituição do reino ao seu legítimo senhor; e Veneza libertou-o, com expulsão imediata para longe, para onde não fizesse detrimento à Sereníssima, que temia os furores de Espanha, potente na Europa, potente em boa parte de Itália.

Cessava (cessaria?) a ponte dos Suspiros. Era a ressurreição da Fénix, a promessa de imortalidade para o rei. E o rei sentia-se remoçado, tornado ao lustre da juventude, quando, depois da batalha, Estrella, a ciganita, lhe adivinhou, sob os andrajos, a identidade; quando, romeiro das estradas, Violeta, um nome de gratidão, o iniciou no amor carnal. Agora, era uma casa de Veneza, estavam reunidos os partidários, como os apóstolos de Cristo: o rei ressuscitado entrou, desnudou-se, mostrou — tocassem! — todos os sinais do corpo, todas as feridas de Alcácer. Meu senhor, meu rei! Era o Desejado que tornava, era a esperança de Portugal que renascia. E todos pasmavam, todos acreditavam, todos jubilavam com aquela ressurreição. Todos, menos um, o judas que se infiltrara no grupo e servia a Espanha. O

rei ainda esquivou a argúcia dos espiões, rumou a sul, mas, chegado a Florença, foi novamente preso e, desta vez, extraditado para o inimigo. Levaram-no para Nápoles e encarceraram-no no Castel dell'Ovo. Nas mãos dos Espanhóis, não era o bafio das horas que temia: era a tortura, as galés, o espectro da força a bracejar, sinistro, no gume do horizonte.

Tornava a ponte dos Suspiros? A ponte dos Suspiros torna sempre, dos vagidos da infância ao estertor da última agonia. Mas acontece — raro acontece, ali aconteceu — que a ponte dos Suspiros seja transferida, algum tempo, para outros. Algum tempo: e pode ser uma eternidade de sofrimentos, de lacerações, a morte no garrote. Como pesam os arcos daquela ponte! E dois homens os tomam sobre os ombros, como se tomam as traves de uma cruz. Dois homens, dois servidores, dois amigos do rei. Dois homens: um frade e um estrangeiro. Dois homens: que homens! Maiores que o rei. O rei fugiu em Alcácer, o rei fugiu em Nápoles. Mas eles não fugiram, porque o rei, embora frágil, é a esperança de uma nação. Valeu a pena? «Doem-me os ossos da alma» — gemia o frade, e estava ainda ileso. Haviam de doer muito mais, a ele e ao sócia heróico do rei: na pobre carne lacerada, espostejada, aviltada em comida dos cães, dos corvos, dos abutres. A morte cruenta, em oblação, para que a névoa dure.

A névoa dura. Passam as garças, os flamingos, toldam-se as tintas de morte-cor. Um passado a tecer outro passado — e o futuro. Que futuro? «Se é verdadeira a fama...» Naquele túmulo dos Jerónimos, o pó é árido e inerte. Não o embebeu a ponte dos Suspiros. Porque, se o embebesse, poderia levantar-se, animar-se, crescer na sombra daquele almejo. À espera de uma vitória que florirá o sangue dos martirizados.

O romance de Fernando Campos contém todo este memorial de sonho e de tangível realidade. É muito mais, que não pode nem deve antecipar-se. Para que o leitor possa fruí-lo e revisitá-lo. Muitas vezes, até aprender, sem se cansar, como se revive uma época, como se modelam tantas figuras, como se plasma um estilo, pulsante e orgânico, sempre clássico e sempre moderno, límpido e versátil, capaz de dar, com igual eficácia, as cenas de multidão e as cenas de intimidade, os estos da paixão e as delicadezas de um sentimento recatado como a flor da violeta.

A *ponte dos Suspiros* tem o andamento mais veloz de todos os romances de Fernando Campos. Mas o cinemático não cria o desfocado, antes o

arremessa aos olhos do leitor. As vozes têm um registo polifónico: ouvimo-las todas, ou quase todas, dos grandes e dos pequenos, dos leais e dos traidores, no murmúrio, no pesadelo do seu monólogo interior. E passa o sopro épico e passa o sopro lírico, a flâmula jocosa de um acampamento cigano, a solenidade das ruínas de Roma, a gaze fina de um alvorecer sobre Veneza e o sórdido rescendor de uma prisão na ilha do Argentário. Não se esquece aquele fantasma que chega sobre a gôndola, o abraço do insultado — «cobarde!» — ao seu insultador; o rei compelido a aceitar esmolas na rua, o rei que assiste às próprias exéquias e à aclamação do seu sucessor; a longa prisão na ponte dos Suspiros, aquele barbeiro, aquele alfaiate, aquele sapateiro bandarrista que sabiam de cor o corpo do rei, a aparição do ressuscitado no meio dos apoiantes, o desabafo amargo do frade na barca, a cena da espada e do anel reconhecidos no paço de Nápoles, o quadro sensual de Cádiz antes da masmorra e da tortura, o massacre hediondo em San Lúcar de Barrameda...

E toda esta riqueza fascinante, luz e sombra, cabe em duzentas páginas. Que se lêem, de um fôlego, em menos de três horas. Outro milagre, como a vida do Encoberto, que só a arte, ungida de humanidade, pode oferecer aos nossos corações.

